

Blanka W. Wladislaw

QUÍMICA · PROFESSORA · PIONEIRA

Varsóvia, Polônia, 1917 — São Paulo, Brasil, 2012

Há histórias que começam muito antes do lugar onde verdadeiramente florescem. A de Blanka Wertheim começou em Varsóvia no ano de 1917, quando esta cidade ainda pertencia ao Império Russo e quando ser judia, culta e mulher significava carregar, ao mesmo tempo, três razões para muitos duvidarem de suas capacidades. Vinda de família que valorizava a formação humanística, bem como as ciências naturais, Blanka vivenciou experiências que marcaram profundamente sua formação básica: as aulas de ciências, ministradas em laboratório e pautadas pelo princípio de que a observação precede a teoria, deixariam marcas que ela carregaria.

Em 1931, após terminar seus estudos básicos, imigrou com sua família para o Brasil, fixando-se na cidade de São Paulo. Após três meses de sua chegada ao Brasil, aprendeu a língua portuguesa para prestar exame de revalidação do seu diploma obtido na Polônia, tarefa facilitada pelos seus estudos anteriores de latim e francês. Apesar das dificuldades econômicas enfrentadas pela família quando aqui chegaram, parar os estudos dos filhos nunca foi uma opção. Sua inclinação pelas Ciências Naturais e pela Literatura introduziu um elemento de dúvida quando chegou o momento de fazer sua escolha para a continuidade de seus estudos no nível superior. Para a jovem estudante, o essencial era poder exercer sua criatividade, essa substância tão presente em seu espírito, e viabilizar sua subsistência (e de sua família) no país que adotara.

Em 1938, ingressou na Seção de Ciências Químicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, graduando-se em 1941. A jovem imigrante polonesa havia chegado à universidade, no antigo prédio da Alameda Gleite, onde funcionavam alguns cursos da USP antes da criação da Cidade Universitária. No entanto, antes casou-se com Anatol Wladyslaw, um engenheiro que viria a se tornar artista plástico renomado. O curso de Química era eminentemente experimental, o que remetia a suas experiências em Varsóvia, e contava com os professores Rheinboldt, Hauptmann e três assistentes egressos da primeira turma de formandos do curso: Paschoal Senise, Simão Mathias e Jandira França. Nesse tempo, a universidade atraiu professores europeus para construir seus departamentos e, entre eles, professores que fugiram da Alemanha nazista e tornaram-se os arquitetos do Departamento de Química da FFCL-USP. Há uma beleza subversiva nesse encontro: uma aluna judia polonesa recém-chegada formada por professores judeus alemães recém-exilados, todos reunidos numa universidade sul-americana que ainda não havia completado uma década e cujos destinos moldariam a ciência do país que os recebeu.

Ao concluir seus estudos de graduação, em 1941, foi contratada nas Indústrias Reunidas Matarazzo, importante aglomerado industrial com sede na cidade de São Paulo. Apesar de almejar continuar seus estudos visando o doutorado, a pós-graduação como a conhecemos hoje não estava institucionalizada e não havia bolsas para apoiar a dedicação exclusiva. Em geral, era necessário aguardar a obtenção de um cargo de professor assistente ou possuir recursos próprios para se dedicar integralmente à pesquisa de doutorado.

Após dois anos de trabalho na indústria, Blanka pediu demissão. Assumiu outro emprego em tempo parcial na indústria e deu início aos estudos de doutorado sob a orientação do professor Hauptmann. O fazer químico acompanhava-a desde o raiar do dia até a noite, mesmo aos sábados e domingos, tudo isso para conciliar as duas tarefas. Após um ano nesse regime de trabalho, deixou a indústria para se dedicar integralmente ao doutorado que foi concluído em 1949, dois anos e meio após o seu início. Nesse período, analisou o comportamento de compostos de enxofre na presença de catalisadores de níquel de Raney.

Trabalhava em tempo integral durante essa fase do doutorado sem receber qualquer remuneração. Pouco antes da defesa, foi convidada para ser assistente do professor Hauptmann. A remuneração era equivalente a tempo parcial, mas, na prática, dedicava-se ao ensino e pesquisa em tempo integral. Até que surgiu uma bolsa do então Conselho Nacional de Pesquisas (hoje, CNPq) que complementava o valor equivalente ao salário em tempo integral. Essa situação perdurou por 3 anos. Então, a jovem doutora pôde assumir um cargo em tempo integral.

No período de 1955-56, realizou estágio no Imperial College of Science and Technology, da Universidade de Londres, sob a supervisão dos Profs. R. P. Linstead e B. T. I. Weedon com bolsa do Conselho Britânico quando desenvolveu projetos na área de Eletroquímica Orgânica, na qual continuou a atuar quando de seu retorno ao Brasil.

Em 1958, obteve a livre-docência com a tese “Sínteses e estudo dos homólogos inferiores do ácido 6,8-tióctico”, tornando-se professora adjunta em 1965 e titular em 1971. A morte de Hauptmann, em 1960, deixou um vazio que exigia alguém à altura de preenchê-lo. Blanka assumiu, então, o ensino e a pesquisa em Química Orgânica no departamento, tornando-se professora associada em 1965 e, após a transição para o recém-criado Instituto de Química da USP, professora titular em 1971. De 1975 a 1980, chefiou o Departamento de Química Fundamental. Em 1987, a aposentadoria compulsória aos setenta anos lhe foi imposta pela lei, mas não pela vitalidade: ela continuou como professora convidada, orientando e pesquisando até pouco antes de seu falecimento, em janeiro de 2012, aos noventa e quatro anos.

Em 1973, foi eleita membro titular da Academia Brasileira de Ciências e, logo após, tornou-se membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Em anos subsequentes, recebeu importantes distinções, como o Prêmio Rheinboldt-Hauptmann e a Ordem Nacional do Mérito Científico.

A dimensão da obra de Blanka Wladislaw pode ser medida, ainda que parcialmente, em números: foram mais de 115 artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, 171 trabalhos apresentados em congressos, 24 teses de doutorado e 4 dissertações de mestrado orientadas. Mas a grandeza de uma professora não cabe em planilhas. Formou uma geração de doutores que deu continuidade a pesquisas nos campos da Química de compostos orgânicos de enxofre, eletroquímica orgânica e espectroscopia molecular. Falar da professora Blanka sem falar de seu tempo é amputar a história. O Brasil do século XX, no qual ela construiu sua carreira, era um país que ainda aprendia a fazer ciência, a valorizar a universidade pública, a reconhecer as mulheres como protagonistas do conhecimento.

Fontes:
WLADISLAW, Blanka. Blanka Wladislaw (depoimento, 1977).
Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 55 p.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Blanka Wladislaw. [S.l.], [s.d.].
Disponível em: <https://www.abc.org.br/membro/blanka-wladislaw/>.
Acesso em: 14 abr. 2026.

